

# MESTRE JOÃO RUIVINHO

Conto de AFONSO RIBEIRO

Eu era ainda bem pequeno, acabava de entrar na 4.<sup>a</sup> classe, quando conheci mestre João Ruivinho, sapateiro remendão de seu ofício. Por muitas razões nunca o esqueci.

Mestre João Ruivinho morava defronte da casa de meus pais, numa loja que o senhor Mota, o maior rico das redondezas, lhe alugara. Vivía só. Era um homem estranho. Não nascera no lugar. Aparecera um dia na aldeia, como por encanto. Parece que viera da cidade. Na freguesia não grangeara simpatias: era pessoa de muito poucas falas e ao passar fosse por quem fosse nem tirava o chapéu nem dava os bons-dias ou as boas-tardes. Além disto tinha uns olhos dum preto sombrio e fixo e não ia à missa. Verdício—mestre Ruivinho não ia à missa.

Perfeitamente me recordo do que este facto deu que falar no povo. Aconteceu até que uma certa ocasião a senhora Antónia lhe foi pedir contas dum tal procedimento. (A senhora Antónia, nem nova nem velha, mas mais velha que nova, é que nos ensinava o catecismo. Ela era acrifa quem olhava pelos altares da igreja e quem tocava às avémarias, quando o sacristão tinha muito que fazer).

Pois a senhora Antónia, uma tarde, rompeu pela loja do sapateiro e disse-lhe o que lhe veio à cabeça. Que era isto e mais aquilo, um hereje, um judeu e que quando morresse iria direitinho para o inferno. Eu encontrava-me à janela e ouvi tudo. Ouvi e vi.

Mestre Ruivinho estava sentado num mocho, a dar uns pontos numas botas de pele de bezerro. Estava sentado, sentado se deixou ficar. A senhora Antónia a dizer o que tinha a dizer e ele a dar os pontos nas botas. No princípio ela era como se não estivesse zangada. Senhor João para aqui, senhor João para ali. E a voz mansa. Mas ele nem a olhava nem lhe volvia resposta. Exactamente como se ali se não encontrasse mais ninguém. Uma coisa mesmo só de mestre Ruivinho. Depois, aos poucos, a senhora Antónia começou a elevar a fala. A elevar a fala, a mexer com os braços, a pôr-se vermelha. Ele mudo, cada vez mais atento no trabalho. E a senhora Antónia destemperou. Apareceram curiosos. O sapateiro sempre calmo, como se aquilo não fosse com ele. Por fim a mulher chamou-lhe

borrachola. (Realmente mestre Ruivinho tinha aquela fraqueza—gostava da pinga). Então ele ergueu-se, pousou a sovela, a bota de pele de bezerro que estava a consertar—e sempre sem uma palavra, um gesto de enfado, pegou-lhe dum braço e pô-la na rua.

Sem dar conta disso, comecei a gostar de mestre Ruivinho. Na aldeia, no entanto, ele era cada vez mais mal visto. Um dia correu a nova de que matara a mulher com um machado e a esquartejara depois. Eu ouvi a notícia a tremer. Não acreditava que aquilo fosse verdade e ao mesmo tempo acreditava. E se, realmente, ele tivesse matado a mulher com o machado? Tive medo, medo não sei de quê, e vontade de chorar.

Já nessa altura costumava ir todas as tardes, no fim da escola, pela oficina do mestre sapateiro. Ia, sentava-me num banquinho de duas pernas. Ao franquear a porta da loja o meu amigo sorria-me. Eu devolvia-lhe o sorriso, atirava com a saca dos livros para um canto. Conversávamos então (quando a sós comigo mestre Ruivinho lembrava outro: contava-me histórias (seria por isso que eu procurava a sua companhia?), ria muito, fazia gestos. Até os olhos, aqueles seus olhos ducos e imóveis, não pareciam os mesmos).

Eu soube do caso da morte no intervalo do meio-dia. Andava a jogar o pião com o meu companheiro de carteira. Quem nos deu a novidade foi o António Pinto, que todos conhecíamos por o Galtas. Contara-lhe a mãe. Formou-se uma roda em volta do Galtas. Eu ouvia sem dizer nada. Só tinha desejos de bater no que estava a dizer aquelas coisas. Depois o senhor professor chegou e fomos todos para a escola. Fui à pedra nesse dia. De tarde eram problemas. Coisa mesmo fácil o problema que o senhor professor me ditou. Eu porém não estava na aula. Não estava, não. Só fiz asneiras. O senhor professor bateu o punho na secretária. Apague! o que tinha escrito. Rabisquei outros números. Efectuei outras operações.

—O menino está doido! Ora venha cá...

Dois bolos em cada mão. Caminhei para o lugar de alma negra. Sentei-me. Por instantes fechei os olhos. E imediatamente mestre Ruivinho veio ter comigo. Mestre Ruivinho que me dizia muito sé-

rio que não acreditasse nas mentiras do Galtas. E eu não acreditava e ao mesmo tempo acreditava. Prometi a mim mesmo nunca mais ir ter com ele. Nunca mais! Mas fui. Fui logo que sai da escola. Estabelecera que passaria diante da sua porta de vista pregada no chão. E o caso é que passei. Sómente, depois, ainda não havia percorrido meia dúzia de metros, voltei para trás.

Nessa tarde não tirei do ombro a saca dos livros. Nem tampouco me sentei logo no banquinho de duas pernas. Também não correspondi ao sorriso habitual com que o sapateiro me cumprimentava. Pus-me a olhar para a ruela. De falar, nada. Correram uns minutos. De repente a voz dele, uma voz macia, doce, como até à data lhe não tinha ouvido.

—Apanhou?

Fiz que sim com a cabeça. Ele ergueu-se, passou-me os dedos pelo cabelo.

—Sente-se, vá. E não chore, não?

Mas então eu estava a chorar?! Sim, devia ter os olhos cheios de lágrimas, porque via tudo ennevoado. Sentei-me. Mestre Ruivinho afagou-me ainda uma vez os cabelos. Se eu tivesse coragem de o abraçar! Ele, contudo, já me havia deixado. Vi-o dirigir-se para a cozinha. A cozinha e aquela loja era toda a sua casa. Ele próprio é que forçava o comer.

Enxuguei as lágrimas. Seria verdade o meu amigo ter morto a mulher?

—Pegue. Guarde-a para si.

Vi-me com uma bela péra nas mãos. A pera nas minhas mãos e o sorriso que eu conhecia tão bem nos lábios dele. Não pude mais. Fugi. Na tarde do outro dia é que lhe contei o que sabia.

—E o menino acreditou...

Que dor naquelas palavras... A minha amizade por ele cresceu. Contou-me a sua vida. Vida triste. Nunca fora casado. Nunca tivera uma companheira, um amigo. Afastavam-se dele como da morte.

—Vê o menino? Nasci para isto, para viver só toda a vida.

E sorriu ainda. Mas agora um sorriso amargo, amargo.

O senhor Mota, toda a gente o dizia, era um senhor de muito bom coração. Não podia ver fazer mal a uma formiga que fosse, todos os sábados dava esmola aos pobres da freguesia—um tostão a ca-

da pobre. Dera também um rol de dinheiro para comporem a capela de S. Silvestre e as suas roupas eram os ganhões que acabavam de as romper. Vivía, porém, no recelo continuo de ser roubado. Daí haver sempre na casa rica um cão enorme e feroz, que de noite ficava solto no quintal. Ao Mulato confiara ele, durante anos, a guarda de seus haveres. Mas o Mulato envelheceu e por fim só servia para comer. E o senhor Mota arranjou outro molosso—o Leão. Lembraram ao senhor Mota dar um tiro no Mulato, animal agora inútil. Mas o senhor Mota possuía uma alma bondosa e não concordou. Por outro lado, conservar aquela velhice sem préstimo ali à vista dos seus olhos sensíveis a todas as horas, também lhe não convinha. Mandou que um criado o enxotasse, não o deixasse mais franquear o portão. E o Mulato passou a mendigo. Um mendigo sem lamúrias, sem rezas, sem padecimentos. Chegava às portas e esperava. De longe em longe atiravam-lhe uma cêdea. Ele comia-a e continuava na sua romagem. A hora do recreio era certo ao pé da escola. Não sei por quê, mas todos sabiam que o Mulato preferia as crianças às pessoas crescidas.

Uma tarde, ao ir visitar o meu amigo sapateiro, topei com o Mulato deitado rente ao banquinho de duas pernas que era de hábito eu ocupar. Senti um choque, dir-se-ia que uma pontinha de clúme. O meu amigo radiante.

Fiz umas festas sem convicção na cabeça do Mulato, arredei um tudo nada o banco e sentei-me. Mestre Ruivinho, nesse dia, assobiava. Eu queria dizer alguma coisa e não atinava o quê. O cão parecia dormir. Olhei-o demoradamente. Estava magro de meter pena, o pelo arrepiado. Ficaria a viver ali, com o meu amigo? Ficaria?... Não sei mas creio que sentia raiva do animal. Era como se ele me fosse roubar, como se já me tivesse roubado qualquer coisa. E contudo tinha dó dele—um grande dó.

Passou muito tempo. Mestre Ruivinho meteu-se numa das suas histórias compridas. Eu ouvia-o sem o entender. O que eu queria era saber se o cão ficaria ali, senhor da loja, para sempre. Sim, o que eu queria era saber. Só pensava nisto. E o meu amigo a

(Continua na página seguinte)